

Do programa

O programa para “**Figura Eminente da U. Porto – 2013: Fernando Távora**”, evoluirá entre Maio e Dezembro, mas com maior incidência no segundo semestre, alinhará as várias ações previstas segundo uma estrutura em cinco pontos:

Sessão abertura

I Componente científica

_Encontro 1 : Encontro de investigadores: sobre a figura, o pensamento e a ação de Fernando Távora.
_Encontro 2 : “Fernando Távora”, seminário Internacional.

II Componente exposição

_Instalação 1
“Prólogo II” : “ Fernando Távora ‘Uma porta pode ser um romance’ ”
Apresentação-instalação sobre o arquivo documental de Fernando Távora, nos edifícios sede da FIMS, de Maio a Setembro. No contexto espacial dos prédios legados pela Família Marques da Silva, visar-se-á uma aproximação | informação sumária sobre a *diversidade* e a *unidade* de um arquivo de documentação de arquitetura; sobre as *passagens* de um curso de vida, marca(s) de um fazer-se pessoa (e) arquiteto, tomando como motivo próximo (os) livros de Fernando Távora – o objeto, a leitura, a notação, a coleção, a escrita-*projeto-de-escrita*.

_Instalação 2
“ ‘Nós’ : sobre o *projeto-de-arquitetura* de Fernando Távora ”
Instalação-exposição sobre o projeto-de-arquitetura de Fernando Távora, nos espaços do Museu Nacional Soares dos Reis, em Novembro e Dezembro. No contexto de um espaço de representação e de museu, intervenção sob projeto de Fernando Távora, visar-se-á: (re)conhecer o edifício pelo desenho e pela obra enquanto documentos de arquitetura, através de um conjunto de *estações-acontecimento-painel* sobre Fernando Távora – criatividade e conhecimento, casa e praça, escola e causa, unidade e desdobramento –, provocadas no contexto da coleção do Museu e no curso da sua instalação e ordem expositiva.

III Componente edição

_Edição 1
“Fernando Távora, ‘minha casa’ . arquivo”
Objeto-livro por reunião aberta dos vários tipos de materiais editoriais a produzir conforme a natureza, objetivos e informação das ações que compõem o programa da homenagem, tomando como modelo o fascículo “Prólogo I”, a apresentar na sessão de abertura do ciclo.

_Edição 2
“Casa sobre o Mar”
Elaboração de um projeto de execução em vista a edição e produção de um modelo, um jogo, um brinquedo, relativo(s) à “casa sobre o mar”, trabalho de CODA de Fernando Távora (1950).

IV Componente intervenção cultural e formação

_Ciclo 1
“Fernando Távora – histórias de vida(s)”
Ciclo a realizar na sala-de-jantar da Casa Lopes Martins, sede da FIMS, entre Junho e Dezembro, com sessões tendencialmente de periodicidade mensal, tomando como referência o que Fernando Távora designou como “1ª tentativa do que poderia ser uma dissertação para a FAUP...”, e as notas-roteiro que escreveu para a publicação “Percurso” (1992).

_Ciclo 2
“ ‘os meus livros’, Fernando Távora – dos livros, das leituras, da coleção ”
Ciclo a realizar na Biblioteca da FAUP, entre Junho e Dezembro, com sessões tendencialmente de periodicidade mensal, tomando como referência os livros, as leituras, a coleção de Fernando Távora.

V Componente Protocolo

_Protocolo 1, em vista o desenvolvimento do projeto editorial “Fernando Távora – as Raízes e os Frutos”.
_Protocolo 2, em vista o desenvolvimento do projeto editorial “Fernando Távora. Escritos”.

Sessão síntese

_Apresentação

_Leitura de textos de Fernando Távora por Jorge Silva Melo
_Projeção de filme
_Lançamento do fascículo I, “Prólogo”, de *Fernando Távora, ‘minha casa’*

“Távora vinha do reduto cultural tradicionalista, abraça desde a formação escolar uma ideologia arquitectónica de ruptura com os códigos do espaço em que não deixa de se sentir enraizado e nunca mais a inquietação abandonará o que produz: desde o que escreve (a memória da tese de formatura, o panfleto de 47 sobre a casa portuguesa, o capítulo minhoto do Inquérito à Arquitectura Popular, o presente opúsculo...), ao que desenha (o citado projecto de tese, o bairro de Ramalde, a Casa de Ofir, o mercado da Feira...), e ao que ensina (porque terá sido, julgo, o menos formalista da equipa de Carlos Ramos no período áureo da Escola do Porto...). Como Lampedusa ao escrever ‘Gattopardo’ e com um papel que se poderia comparar ao de Coderch na Catalunha, para lembrar outro caso de ambiente de resistência cultural ao conservadorismo oficial e, também, ao simplismo do ‘estilo internacional’.
A inquietação a que me refiro vem da presença, assumida pelo próprio, de forças ou valores opostos que se não pacificam ou conciliam facilmente, nem nas palavras nem no desenho. Os que o conhecem sabem como Távora procura, no discurso verbal, reduzir as contradições dando a ideia de que a conciliação se pode realizar num plano de bom senso – ou de bom desenho – para logo repetir, insatisfeito, que ‘estas coisas são muito complicadas’.
Assim, a mensagem escrita de Távora constitui o seu lado mais idealista (ou redutor da realidade) enquanto o seu legado projectual é certamente o mais realista – ou seja, aquele em que são melhor sintetizadas mas não apagadas as teses opostas de que o autor é, ao mesmo tempo, testemunha e proponente.”

Nuno Portas, “Prefácio” a *Da organização do Espaço* (edição de 1982)

“A obra de Fernando Távora evoca sempre o passado: evoca-o naturalmente quando recupera um edifício ou quando acrescenta algo de novo a uma velha construção, mas evoca-o também quando constrói de raiz ou aborda a temática da cidade. Arquitecto moderno, à sua modernidade sempre repugnou porém ignorar, esquecer ou destruir, pois na sua obra os valores desta modernidade ombream, nostálgicamente, com os da tradição; é portanto no quadro duma relação dialéctica entre presente e passado que importa entender a progressiva inserção da arquitectura de Távora, sempre desenhada sem concessões miméticas ou pitorescas, num processo formal temporalmente extenso que, ultimamente, se convencionou chamar de ‘tradição arquitectónica portuguesa’. (...) Por outro lado referirá P. Testa que ‘Távora (...) addressed the two poles [tradition and modernity] of a perennial debate with a rare intelligence and from a new perspective. (...) Távora sought to relate ongoing developments in Europe to the objective conditions of portuguese society’.
A assunção deste posicionamento explica que Fernando Távora goste de ‘continuar, inovando’, desenhando a sua arquitectura de modo ‘a garantir um diálogo que afirme mais as semelhanças e a continuidade do que cultive a diferença e a ruptura’, o que permite reflectir criticamente sobre a sua obra na perspectiva colocada por Paulo Varela Gomes acerca do ‘problème des constantes dans l’architecture portugaise qui se fait jour à la suite des périodes ou l’internationalisation culturelle et architecturale portugaise est intense; ce fut le cas en 1790, puis à la fin du XIXème siècle et enfin en 1950 et en 1970/80’.”

Bernardo Ferrão, *Tradição e modernidade na obra de Fernando Távora 1947/1987*, 1991



“(...) De facto, face à brutal dualidade traduzida pela apaixonante e motivadora realidade portuguesa, por um lado, e pelo anquilosado contexto cultural dessa realidade, por outro, era impossível que subsistisse alguma tranquilidade nos escritos saídos da sua pena ou nos desenhos saídos do seu estirador. Apaixonando-se pela realidade portuguesa, Távora apaixonou-se também pelos saberes que lhe permitirão conhecê-la melhor e propõe, com veemência, o lançamento dos ‘estudos’ que veiculem eficazmente esse conhecimento. A inquietação ou a pouca ‘tranquilidade’ com que o faz são consequentes a essa paixão e são também, nesta fase, porventura, as componentes mais influentes da variante subjectiva que ele vai *meter em Cunha* nos processos metodológicos do modernismo, enriquecendo-os e abrindo-os a outras saídas.
Távora apropria-se da realidade portuguesa como contributo metodológico e não como fórmula final. Na *Casa sobre o Mar* as citações ao ‘azulejo tradicional’, que tão bem ‘sabe reflectir os poentes da Foz’, estão inseridas na vontade de criar um objecto plástico indubitavelmente ligado às linguagens modernas. Ao contrário de Leonidov, (...) Távora acredita nas potencialidades plásticas da evolução na continuidade das linguagens. O que varia são os pressupostos teóricos. O que varia são as características da aplicação do conhecimento científico, libertando, assim, os caminhos da evolução do método de projecto, e, conseqüentemente, potenciando o desenvolvimento de linguagens mais consentâneas com aquelas características.”

José António Bandeirinha, *Quinas Vivas*, 1993

“Eu sou a Arquitectura Portuguesa”.

Para Fernando Távora um edifício sem fundações, tal como uma árvore sem raízes, não existe: “mas as fundações do edifício ou de uma cidade têm que ser mais profundas, mais significativas do que as suas fundações físicas; embora estranho um novo edifício deve manter um diálogo com os seus vizinhos ou com o seu local”. Daí que a “identidade e carácter português”, a “tradição/transmissão do permanente”, o “homem” e a “vida” sejam as valências fundadoras da sua ideia de *desenho* e de *modernidade*; ideia que serenamente se desdobra, caso a caso, na *leitura* minuciosa e rigorosa do real e do seu destino; *leitura* que a idade da sua cultura rapidamente aciona como método-processo da transformação.

“Eu sou a Arquitectura Portuguesa”.

Pronunciou Fernando Távora no início da década de noventa. A frase é humilde e acanhada.

“Eu sou a Arquitectura Portuguesa” foram palavras desconcertantes ou surpreendentes que confundiram ou chocaram meia confraria. Afinal, tão só, termos tranquilos para uma síntese direta e nebulosa, a coberto da arte e da poesia; um compromisso para uma dinâmica de *raiz* e de *fruto* – a sua invenção, a Arquitectura Portuguesa – que é condição e fundamento para validação da vocação que se aquietou voz e comunicação, entrelaçamento entre o poético e o documento. Um *comum*, sentimento de pertença ou promessa de futuro, que perseguiu em dar forma, em fazer existir em regime de hospitalidade e continência com algo de crença na esteira ou no (ar)rasto glorificante da universalidade portuguesa.

*

No âmbito da iniciativa anual “Figura Eminente U. Porto”, a Reitoria da Universidade do Porto, a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e a Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva convergiram na iniciativa de homenagear Fernando Távora no ano de 2013, presente a dimensão da pessoa, do cidadão, do arquiteto, do professor, e a circunstância dos noventa anos sobre a data do seu nascimento.

Considera-se:

- > que, evocando a figura nas suas várias dimensões, é objetivo da iniciativa a promoção científica, cultural e formativa da sua obra enquanto conhecimento, património arquitetónico, artístico, disciplinar e documental;
- > que a receção no Centro de Documentação e Investigação de Cultura Arquitetónica da FIMS, do acervo documental pertencente a Fernando Távora, e uma parte significativa da sua biblioteca, abriu: i) novas oportunidades para o seu tratamento informacional e divulgação, conservação documental e produção de informação; ii) novas condições de estudo e investigação;
- > que, evocando a figura nas suas várias dimensões, se visa compartilhar da abertura de novas circunstâncias de informação e interpretação, de tradução e crítica, de formação e conhecimento que contribuam para o entendimento e para a acessibilização da ação e da obra de Fernando Távora no processo da Arquitectura e da Cultura Portuguesa;
- > que, evocando a figura nas suas várias dimensões, é objetivo da iniciativa assumir-se como circunstância e contribuição para instalação de uma plataforma de encontro plural, hospitaleira, evolutiva que promova a visita, o estudo, a investigação sobre a particularidade, a originalidade e a pertinência do contributo de Fernando Távora na heterogeneidade da modernidade; sobre a libertação de *projeto* na *causa* da arquitetura enquanto controversa contiguidade entre prática disciplinar e experiência artística – criatividade, pensamento, conhecimento;
- > que, evocando a figura nas suas várias dimensões, é objetivo da iniciativa fazer-se em espaço de comemoração, de projeto, de educação, de participação, convidando e mobilizando à comunidade de energias, de cumplicidades de estudo, de saberes, no desenvolvimento, realização e problematização de ações desenhadas no seu programa.

Presente o exposto, autonomizando e associando expressões-síntese, de diferente natureza mas partilhado sentido, presentes em diferentes circunstâncias do discurso comum de Fernando Távora, esboçou-se como gesto de atenção, aproximação, reunião para o ciclo de ações integradas na homenagem:

“Fernando Távora, ‘minha casa’

‘Da Organização do Espaço’ – ‘Para a Harmonia do nosso Espaço’ – ‘Da Harmonia do Espaço Contemporâneo’”